

# Interagindo com Grupos de Idosos: Por Quê, Para Quê?<sup>1</sup>

Simone Teresinha Protti<sup>2</sup>  
Marinês Tambara Leite<sup>3</sup>  
Pedro Fredemir Palha<sup>4</sup>

## Resumo

---

Estudos demográficos e epidemiológicos têm mostrado um aumento significativo da população idosa em nosso país. Esta pesquisa buscou conhecer as formas de organização grupal e compreender a sua percepção na interação com outros idosos, identificando sob a ótica destes as alterações ocorridas na sua vida a partir de sua inserção no grupo. É um estudo de natureza qualitativa que tem como instrumento de coleta de dados a técnica da observação participante e a entrevista semi-estruturada. Tem como sujeitos da investigação quatro integrantes do Programa de Integração Comunitária e da Instituição “Lar Padre Euclides” de Ribeirão Preto. Para análise dos dados, seguimos os

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Curso de Enfermagem.

<sup>2</sup> Enfermeira, mestranda pelo Departamento Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo – EERP/USP.

<sup>3</sup> Enfermeira, professora do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Mestre em Enfermagem Psiquiátrica pela EERP/USP.

<sup>4</sup> Enfermeiro, professor Doutor do Departamento Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo – EERP/USP.

passos metodológicos preconizados por Minayo (1996), de onde emergiram quatro categorias: convivência social: “a gente arruma amizade”; “tudo se altera: desde o organismo muda”; necessidade de convivência social; “ela olha por mim, eu olho por ela”. Os resultados evidenciaram que mesmo pertencentes a grupos com características e objetivos distintos, muitas são as alterações ocorridas na vida desses idosos, desde fisiológicas até mentais, decorrentes do processo de interação social.

**Palavras-chave:** saúde do idoso, grupo de idoso, interação social.

### **Interacting With Groups of Elderly: Why and What For?**

---

**Abstract:** Demographic and epidemiological studies have shown that there has been a significant increase of the senior population in our country. This research aimed to acknowledge the forms of group organization and understand its perception in the interaction with other seniors, identifying through their perspective the changes that took place in their lives after their insertion in the group. It is a study of qualitative nature, which used the technique of participating observation and semi-structured interview as the instrument for data collection. The study has, as subjects of investigation, four members of the Community Integration Program and of the Padre Euclides Institution, an institution that works as a Home for the elderly in the city of Ribeirão Preto. In order to analyze the data, we followed the methodological steps proposed by Minayo (1996), and four categories emerged: social interaction: “we make friends”, “everything changes: even the organism changes”; a need for social interaction; “she looks after me, I look after her”. The results proved that even members of groups with distinct characteristics and goals, go through many changes in their lives, from physiological to mental, due to the process of social interaction.

**Keywords:** health of elderly, groups of elderly, social interaction.

## **Apresentação**

Este trabalho tem por finalidade conhecer as formas de organização grupal de idosos, desvelar como essas pessoas inseridas em grupos de convivência comunitária ou instituição asilar vêm sua participação nesses espaços e identificar sob sua ótica as alterações ocorridas na sua vida a partir de sua inserção no grupo.

Entender como ocorre a interação social de pessoas em grupos e os resultados decorrentes é uma preocupação que surge desde o período de graduação no curso de Enfermagem na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio grande do Sul – Unijuí. Essa preocupação, especificamente, ocorre a partir de nossa inserção no grupo de estudos da disciplina de enfermagem em Saúde Mental, que com os professores coordenadores e demais colegas desenvolvemos estudos e discussões sobre o campo da saúde mental. Conjuntamente com o aprofundamento teórico havia interação e desenvolvimento de atividades práticas com um grupo de socioterapia, na periferia do município de Ijuí-RS, que congregava pessoas portadoras de diagnóstico de doença mental: psicóticos e neuróticos.

Essa aproximação de teoria e prática, além de contribuir para a formação acadêmica, despertou-nos o interesse por investigar as contribuições que os grupos oferecem às pessoas em interação social, em especial no campo da gerontologia.

Este trabalho é, portanto, fruto de estudos desenvolvidos na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II (ECSII) no qual vivenciamos duas experiências de convivência social com pessoas idosas no Programa de Integração Comunitária (PIC) da Vila Tibério e Instituição “Lar Padre Euclides”, de Ribeirão Preto/SP.

## **O Idoso e a Interação Social**

A Política Nacional do Idoso (PNI) considera idosa a pessoa com sessenta anos ou mais de idade. Em nosso país a população idosa vem crescendo de forma exponencial e se tomarmos o conjunto de

investigações, nessa área, percebemos que ainda existem poucos estudos que abordam essa temática (Brasil, 1998). Para Veras (1994, p. 28), a causa do rápido aumento da expectativa de vida nesse século foi uma substituição das causas de morte, anteriormente resultantes de doenças infecciosas e parasitárias, pelas doenças cardíacas e pelo câncer. De acordo com a transição epidemiológica, na medida em que as nações se modernizam, tendem a aprimorar suas condições sociais, econômicas e de saúde.

Não é somente a transição epidemiológica, porém a responsável pelo aumento do envelhecimento da população. Outros dois fatores concorrem para o crescimento: a natalidade e a fecundidade, pois num país onde há um declínio nas taxas de fecundidade e natalidade, conseqüentemente haverá um aumento da sua população de idosos.

Berquó (1996) mostra que o Brasil, em 1950, encontrava-se na 16ª posição entre os países com maior número de idosos e em 2025 alcançará a 68ª posição. Em nosso país não dispomos de dados fidedignos a respeito da população idosa. Sabe-se, a partir de informações obtidas pelo Censo de 1991, que há um predomínio de mulheres, com baixa renda e baixo nível de escolaridade, sendo habitantes predominantemente do meio urbano.

Esses dados demográficos revelam que o Brasil terá uma população idosa considerável nas próximas décadas e isso é um fator preocupante, na medida em que é preciso ter estrutura adequada para atender a essa população com políticas públicas e sociais condizentes e favoráveis ao desenvolvimento de uma melhor qualidade de vida.

Essa preocupação é decorrente de dados internacionais, os quais revelam que na Inglaterra, por exemplo, os idosos (acima de 65 anos) utilizam 60% do orçamento do Departamento Nacional de Saúde e Cuidados Sociais e a maioria dos leitos hospitalares é utilizada por pacientes com idade superior a 65 anos. Para os idosos acima de 75 anos há um custo sete vezes maior do que das faixas etárias de menor idade. A grande maioria vive na comunidade, apenas 5% destes moram em instituições, e mesmo assim sua manutenção é extremamente onerosa (Kalache; Veras; Ramos, 1987).

Os autores reafirmam a preocupação dizendo que “na velhice, a manutenção da autonomia está intimamente ligada à qualidade de vida” (Kalache; Veras; Ramos, 1987, p. 208). Por exemplo, quanto maior for a autonomia do idoso em realizar suas atividades diárias conseqüentemente melhor será sua qualidade de vida, respeitando o contexto socioeconômico e cultural no qual o mesmo está inserido, pois há diferenças nas condições de vida de um idoso que vive no meio urbano e outro do meio rural.

Em uma pesquisa realizada pelo Conselho Estadual do Idoso do Rio Grande do Sul (1997), verificou-se que no Estado há uma predominância da população do sexo feminino, a qual está concentrada no meio urbano, mostrando que ocorre um processo migratório seletivo, por sexo, do meio rural para a zona urbana.

Atualmente, com o aumento da expectativa de vida e conseqüentemente do número de pessoas idosas, pode-se observar um acentuado crescimento no número de grupos de convivência de idosos. Isso mostra a necessidade dessas pessoas de compartilhar o seu tempo com o outro. Talvez essa seja a maneira que elas encontram para trabalhar no seu interior a solidão que muitas vivenciam, a depressão e a própria fase da vida pela qual estão passando: a velhice.

Muitos idosos vêem a velhice como sinônimo de solidão, abandono, final de vida. Para outros, o envelhecimento traz tranqüilidade, independência, liberdade de horários e oportunidade de conviver com outras pessoas.

O ser humano, por sua natureza social, em toda sua existência convive com grupos, interagindo e construindo sua própria identidade. A essência de todo e qualquer indivíduo consiste no fato dele ser portador de um conjunto de sistemas: desejos, identificações, valores, capacidades, mecanismos defensivos e, sobretudo, necessidades básicas, como a da dependência e a de ser reconhecido pelos outros, com os quais é compelido a viver (Zimmerman; Osório, 1997, p. 27).

Os idosos, por iniciativa própria ou em conjunto com órgãos governamentais ou não-governamentais, reúnem-se formando grupos com os quais realizam diversas atividades de trabalhos manuais, de

lazer, culturais, exercícios físicos, entre outras. Esses indivíduos procuram ocupar o seu espaço e uma maneira de envelhecer com mais alegria e dignidade, ou será que estão em busca de uma identidade que se perdeu no tempo?

Para alguns, a vivência em grupos é a oportunidade de dividir problemas/situações semelhantes entre seus integrantes. É oportuno destacar que há situações em que os idosos já estão inseridos em grupos ou instituições nas quais, muitas vezes, não têm o livre arbítrio de decidir se querem ou não fazer parte. Referimo-nos às instituições asilares, que recebem idosos vindos de diferentes contextos sociais e núcleos familiares distintos.

Nós, seres humanos, estamos fadados a viver em sociedade, pois viemos de um grupo que é a nossa família, é nela que nascemos, crescemos, amadurecemos e partimos para a vida, construindo ou não um novo grupo.

A velhice é uma das fases mais delicadas da vida do ser humano. É nela que o indivíduo percebe as várias mudanças que ocorrem na vida: físicas, mentais, econômicas e sociais. Com a aposentadoria seu círculo de amizades pode diminuir, devido ao afastamento profissional e “os desafios familiares e domésticos são substituídos por uma complacente tolerância pelos demais elementos da família, para com o idoso” (Oliveira, 1985, p. 08).

O isolamento da pessoa idosa no ambiente familiar é um acontecimento freqüente em nosso cotidiano, e isso ocorre por diversos fatores, sejam eles de ordem profissional, afetiva ou pelo reduzido espaço físico. Essas situações, muitas vezes, levam o indivíduo a não conviver ou não dar atenção ao familiar idoso.

Diante disso Oliveira (1985), nos mostra que o velho permanece com o sentido de autodeterminação e é resistente quanto a ter alguém estranho para lhe prestar assistência em domicílio. A autora observa também que estes aspectos abordados fazem com que a família opte por internar o idoso em abrigo ou qualquer instituição de assistência à velhice, onde ele passa então a fazer parte de um novo grupo com novas regras e leis a serem seguidas.

Segundo Zimerman (2000), as instituições, enquanto grupos, têm sua própria dinâmica e possuem leis inerentes ao seu funcionamento, pois o fenômeno central de qualquer grupo institucional é a interação entre seus membros; assim o grupo é um meio de cura e sua tarefa se constitui em organizar os processos de pensamento, comunicação e ação que ocorrem entre seus membros.

## Idosos e a Convivência em Grupos

A partir dos referenciais teóricos da psicanálise e da dinâmica de grupos foi elaborada a teoria dos grupos operativos que tem como autor Pichon-Riviéree (Zimerman, 2000). Este autor nos mostra que os grupos operativos mantêm uma relação entre seus membros e a tarefa proposta. Segundo ele, não devemos diferenciar grupos terapêuticos de grupos operativos, pois todo grupo operativo é terapêutico, embora nem todo o grupo terapêutico seja operativo.

Sabe-se que em cada grupo operativo há uma tarefa que se constitui na finalidade do grupo, ou seja, seus membros estão inclinados para tal, participam porque há um objetivo comum entre eles. Por outro lado, alguns autores classificam os grupos de reflexão como sendo um tipo de grupo que permite trabalhar as quatro funções do ego: a percepção, o pensamento, o conhecimento e a comunicação (Zimmerman, 2000).

Para Munari e Rodrigues (1997), ao discutir a inserção do enfermeiro nas atividades com grupos nos faz perceber que essa forma de trabalho propicia benefícios terapêuticos e que não devemos simplesmente apresentar soluções aos clientes, sendo fundamental que cada indivíduo tenha a sua percepção e que possa aprender a transportar seus *insights* para o seu cotidiano.

É preciso que tenhamos consciência e que possamos viver o papel de facilitadores de um processo de desenvolvimento de pessoas, inclusive o nosso próprio, e que para isso é necessário que haja clima e espaço para a emergência de potencialidades criativas (Munari; Rodrigues, 1997, p. 92).

A inserção das pessoas idosas nas diferentes formas de grupos é uma experiência que envolve adaptação. Este processo, muitas vezes, é gerador de expectativas e ansiedades. Algumas situações, como o desejo de se inserir no grupo, o acolhimento dispensado pela coordenação e demais membros participantes e o desenvolvimento de atividades que contribuam para o bem-estar da pessoa que está ingressando facilitam a sua adaptação na atividade grupal.

Entendemos que para os idosos as interações grupais são importantes, pois permitem resgatar valores, sentimentos que podem estar adormecidos no tempo e conhecer as diferentes formas de inserção dos idosos nos grupos sociais nos quais interagem, bem como as alterações ocorridas na sua vida depois de seu ingresso nos grupos, poderá contribuir para a elaboração de planos e metas direcionados para esta faixa etária.

## Trajatória Metodológica

Este estudo é de natureza qualitativa, exploratória, descritiva. A pesquisa qualitativa no dizer de Minayo (1996), não se preocupa em quantificar, mas sim em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias de aspirações, crenças, valores, atitudes e hábitos. Trabalha com a vivência, a experiência, a cotidianidade e a compreensão das estruturas e instituições como resultados da ação humana objetivada.

Para Trivinos (1987), a pesquisa qualitativa geralmente segue um mesmo caminho ao realizar uma investigação: a escolha da problemática ou tema, a coleta e, logo após, a análise dos dados. Neste tipo de pesquisa deve-se realizar apontamentos importantes, decorrentes da observação e do entendimento de determinada situação. Esses apontamentos são registrados em diário de campo.

Este mesmo autor explicita que o *estudo descritivo* exige do investigador que estabeleça a delimitação de técnicas, métodos, modelos e teorias, as quais orientará a coleta e interpretação dos dados, permitindo que a pesquisa realizada apresente certo nível de validade científica.



O trabalho foi desenvolvido no Programa Integrado Comunitário (PIC) da Vila Tibério, vinculado à Secretaria Municipal de Saúde de Ribeirão Preto, que visa à atenção à saúde da população com tendências inovadoras objetivando a prevenção de doenças e a promoção da saúde e não simplesmente assistência à doença; e na Instituição “Lar Padre Euclides” também do município de Ribeirão Preto, localizado na região Nordeste do Estado de São Paulo, distante 320 km da capital. O Lar Padre Euclides é uma instituição asilar de caráter filantrópico, fundada em janeiro de 1919, que abriga idosos de baixas condições socioeconômicas. Atualmente abriga 93 idosos.

A coleta de dados foi realizada por meio de observação participante e de entrevista semi-estruturada. Para Chizzotti (1991, p. 90), a observação participante “é obtida por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, para recolher as ações dos atores em seu contexto natural, a partir de sua perspectiva e seus pontos de vista”. Os dados observados, nesta etapa, foram registrados em diário de campo e fazem parte da análise final deste trabalho.

Este diário é um instrumento ao qual recorreremos em qualquer momento da rotina do trabalho que estamos realizando. Ele, na verdade, é um “amigo silencioso” que não pode ser subestimado quanto à sua importância. Nele diariamente podemos colocar nossas percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através da utilização de outras técnicas (Minayo, 1996, p. 63).

Para a realização das entrevistas foi agendado horário, previamente, com os sujeitos da pesquisa. Visando atender aos aspectos éticos envolventes, foi encaminhado o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa da EERP, realizou-se o Termo de Consentimento Livre e Informado, leitura e esclarecimentos solicitados por parte do entrevistado com posterior assinatura do termo, garantindo-se o anonimato do sujeito pesquisado.

No entendimento de Minayo (1996, p. 57), a entrevista semi-estruturada na pesquisa qualitativa “é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais”.

Para as entrevistas utilizou-se um roteiro com três questões sobre as quais o entrevistado discorreu livremente. As seguintes perguntas nortearam a coleta de dados: 1. Como você iniciou sua participação no grupo e há quanto tempo? 2. Como é para você estar participando deste grupo? 3. Quais as alterações na sua vida após iniciar a participação no grupo?

Fizeram parte da pesquisa quatro idosos, dois participantes de cada grupo. A seleção foi feita por sorteio, tendo por base os critérios: a) ser idoso; b) estar participando de um dos grupos anteriormente mencionados; c) aceitar fazer parte do estudo. Os nomes atribuídos aos sujeitos são fictícios.

Para a análise e discussão dos dados utilizou-se proposta metodológica de Minayo (1996), que preconiza: ordenação dos dados – transcrição das fitas cassete, releitura do material, organização dos relatos; classificação dos depoimentos – leitura exaustiva e repetida dos textos, constituição de um *corpus* de comunicação, leitura transversal de cada corpo com recorte de “unidade de registro”, enxugamento da classificação por temas mais relevantes; análise final – realiza-se a articulação entre os dados e o referencial teórico da pesquisa, levando em consideração os objetivos do estudo.

A análise dos dados foi realizada separadamente, sendo a primeira parte referente aos dados obtidos com os sujeitos vinculados ao PIC, da qual resultaram duas categorias: “*Convivência social: a gente arruma amizade*” e “*Tudo se altera: desde o organismo da gente muda*”, e a segunda parte do Lar Padre Euclides, na qual construímos duas categorias: “*necessidade de convivência social*” e “*ela olha por mim, eu olho por ela*”.

## **A Arte de Conviver em Grupos: apresentando e discutindo as informações**

A discussão e construção das categorias deste estudo ocorreram separadamente, por local de participação dos sujeitos da pesquisa – PIC e Lar Padre Euclides-, pois são grupos com formação própria e

que possuem objetivos distintos. Ao vivenciar estas duas realidades, após inserir-nos nos grupos, percebe-se que, mesmo possuindo finalidades específicas, têm algumas semelhanças e diferenças.

Se por um lado conviver com pessoas possibilita fazer amizades e expandir o círculo social, e isso foi um ponto convergente observado em ambos os grupos estudados, por outro lado há diferenças salientes entre eles, as quais não poderíamos deixar de comentar. Os idosos que vivem no Lar, ou seja, num grupo em que há regras e normas preestabelecidas, expressam a falta de liberdade e a solidão, fatores que também observamos no processo de coleta de dados. Relembrem suas histórias e a saudade é presença constante em suas falas: “*como era bom aquele tempo*”.

Por mais que estas pessoas tenham uma assistência adequada, alimentação, moradia, medicação e assistência médica, para elas, talvez, estes fatores não sejam tão importantes, pois lhes falta dedicação e atenção. Muitas vezes um aperto de mão, um abraço ou uma palavra de carinho é o remédio necessário.

Conviver com grupos é uma arte, na qual desvendamos, dia após dia, o mistério que é a mente humana. É por meio da interação com as pessoas que crescemos interiormente e aprendemos a valorizar as relações interpessoais.

Da análise dos dados resultaram quatro categorias. A *primeira* aborda as questões sociais como amizade, relacionamento, convivência social; a *segunda* traz a questão do condicionamento físico como um fator determinante na participação no grupo; a *terceira* categoria nos apresenta questões próprias da velhice, em que o autopreconceito se mostra presente e o novo meio restringe os idosos ao ambiente em que vivem, tirando-lhes, muitas vezes, a liberdade; a *quarta* e última categoria aponta a questão do companheirismo e a interação entre os idosos.

Os dados mostram que a inserção dos idosos no grupo de convivência do PIC é espontânea, possuem motivação para tal e o meio pelo qual conheceram a existência do grupo, foram os profissionais de saúde.

de e/ou amigos que já participavam do grupo. Uma das categorias construídas foi com relação à possibilidade de ampliação do círculo social.

## **Categoria I**

### **Convivência social:**

#### **“a gente arruma amizade”**

A convivência em grupos possibilita a expansão do círculo de amizades, a interação com outras pessoas e, conseqüentemente, a ampliação do meio social, permitindo que os idosos “despertem” para a vida, desenvolvendo inclusive seus potenciais. Possibilita, ainda, ampliar o aprendizado com relação à comunicação. Para Zimerman e Osório (1997, p. 341), “o grupo propicia o resgate de uma ressocialização, porquanto os velhos se sentem reconhecidos, falam um mesmo idioma emocional e, freqüentemente, se formam verdadeiras amizades entre alguns deles”. Isso fica evidenciado no seguinte depoimento:

*Eu me vejo bem, é muito bom. A gente arruma amizade... Assim eu me sinto no PIC, tem as amiga, e é muito bom, não tem explicação (Rosa).*

Além da convivência social, a participação no grupo propicia a seus integrantes a oportunidade de conhecer outras pessoas e de ter um espaço para sair de seu ambiente domiciliar. Vejamos a seguinte fala:

*A gente faz muita amizade né... olha, eu não conhecia quase ninguém, porque é uma coisa que a gente não sai de casa né ... mas como eu tô no PIC. Nossa Senhora, a mulherada que eu conheço aqui da Vila Tibério já... que eu fiz amizade com elas, tudo no PIC (Orquídea).*

Muitos idosos fazem do Programa uma parte integrante de suas vidas, assumindo seriamente um compromisso com tal atividade. Há uma cumplicidade entre cada integrante e os demais membros do

grupo. As pessoas que o freqüentam estão sempre animadas, conversando umas com as outras e quando ficam ausentes por algum motivo, ao retornarem justificam ao grupo o porquê de sua falta.

É interessante, pois não há imposição de horários e freqüência ao grupo, mas seus próprios participantes cumprem tais regras com rigor. Isso se deve, talvez, ao fato de que os entrevistados entendem o grupo como algo positivo em suas vidas, algo que está lhes trazendo benefícios:

*Parece que o dia que a gente não vai, a gente fica meio chateado, porque deixo de fazê aquela coisa, que parece que se tornou obrigação aquilo pra gente (Orquídea).*

Percebe-se que a convivência social, o fazer novas amizades, conhecer outras pessoas, além de ter um espaço para poder realizar atividades como exercícios físicos, fazem parte do cotidiano das pessoas que freqüentam o grupo. Isto faz com que o grupo se fortaleça e se mantenha unido.

## **Categoria II:**

### **Tudo se altera: “desde o organismo da gente muda”**

Existem inúmeras atividades que são oferecidas e organizadas pelos próprios integrantes do PIC. Entre elas destaca-se a ginástica que é decisiva para os idosos participarem do programa. Além de contribuir positivamente no aspecto social, há mudanças no organismo, levando a uma melhor qualidade de vida, uma vez que, a partir do momento em que o idoso passa a fazer exercícios físicos melhora o condicionamento físico geral, a coordenação motora, o aumento da resistência muscular, entre outros aspectos, propiciando-lhe uma maior autonomia.

*Ah! Notei, eu tinha, desde o organismo da gente, eu tinha esse joelho aqui, eu não agachava de jeito nenhum... eu comecei fazer a ginástica agora eu agacho, faço movimento qualquer, nunca mais doeu meu nervo, eu falei olha que coisa, como era falta de exercitar o nervo (Orquídea).*

Percebemos que as pessoas que participam dos grupos possuem habilidade na realização dos exercícios, uma vez que os realizam com frequência e há um certo tempo (média de cinco anos).

Muitas vezes a participação nos grupos ocorre por indicação de profissionais de saúde ou de amigos que já frequentam o Programa. Observa-se que a participação das pessoas dificilmente ocorre voluntariamente, mas por indicação. Assim que atendem ao convite passam a participar, gostam e permanecem no grupo. Evidencia-se esta situação da manifestação abaixo:

*Comecei porque o médico dali do postinho tava comentando, seria bom pra ti caminhar, fazer ginástica, aí eu passei e vi o pessoal lá fazendo, gostei, entrei no meio gostei e continuei (Rosa).*

A convivência em grupo proporciona maior dinamismo aos seus integrantes, tornando-os mais ativos e otimistas. Possibilita uma mudança de seus hábitos cotidianos, buscando uma vida mais saudável. Além disso, percebe-se um aprendizado, uma vez que no grupo compartilham-se idéias e experiências. É um momento de reflexão da vida diária de cada participante.

*Ah! Eu adoro ir, porque a gente já passou aquela hora,, fica alegre, contô tudo o que tinha que falar, uma fala uma coisa, outra fala outra, cada um conta o caso dele (Orquídea).*

Para os idosos que participam do Programa é importante fazer parte do mesmo, sua inserção neste grupo caracteriza-se por poder sentir-se como cidadão capaz de desenvolver novas habilidades, compartilhar idéias, expressar-se tanto corporal como verbalmente, enfim, fazer parte da sociedade a qual pertencem. Entendemos, como refere Bion apud Zimmerman e Osório (1997, p. 26), “a estruturação de qualquer indivíduo requer a sua participação em grupo”.

### **Categoria III: Necessidade de convivência social**

Se por um lado a convivência grupal faz com que os idosos se sintam livres, ativos no ambiente em que vivem, há situações, ou mesmo outros grupos, em que se observa uma realidade diferente.

Nesses grupos os participantes se sentem invadidos no seu espaço individual onde, segundo os próprios entrevistados, ocorre perda da liberdade, deixam de realizar atividades da vida diária que realizavam antes de morar na instituição.

*Ah! Mudou eu precisei largar do esporte, trabalho... abandono os filhos... (silêncio) a casa tem mais liberdade, tem tudo o que quiser na hora, aqui precisa esperar (Cravo).*

Como se pode observar, há uma mudança considerável na vida dos idosos. Eles convivem num grupo institucionalizado, no qual a normatização da instituição impede que tenham autonomia sobre o cotidiano e a decisão de participar do mesmo.

Outro aspecto que emergiu das falas está relacionado às questões próprias da velhice, com suas naturais mudanças de comportamento. O fato de estarem residindo no Lar leva-os a se adaptar em ao novo estilo de vida que lhes é imposto. Muitas vezes “incorporam” o fato de estarem velhos, achando que devem ser passivos e resignados a tudo e a todos.

*...eu acho que pra mim está pra lá de bom, porque a gente quando está de idade o que que vale (Margarida).*

Um outro fator que emergiu de uma entrevista é o autopreconceito com a velhice. Constata-se, na fala dos entrevistados, que se é velho deve fechar-se à vida e às pessoas.

*Ah! Eu não achei nada, porque eu tinha que obedecer ela (sua irmã) (Cravo).*

O fato de serem idosos e estarem morando no Lar deixa-os na obrigação de serem “bonzinhos” o tempo todo, por isso devem mostrar bom comportamento sempre. Observa-se também, nas falas, que eles classificam sua vivência no Lar como sendo boa, talvez porque atende suas necessidades nesta etapa da vida.

*Ah! vivo muito bem com eles aqui, não respondo, fazer o que (silêncio)... levanta seis horas. pra toma café, aqui tem que espera tudo, toma banho quatro horas, cinco hora da manhã, sete hora toma café, só esses problema aí que aparece na vida da gente (Cravo).*

### **Categoria IV:** **“Ela olha por mim, eu olho por ela”.**

A convivência com o grupo institucionalizado possibilita o estreitamento de laços de amizade. O companheirismo entre os idosos é visível, pois o dia-a-dia faz com que se tornem cúmplices uns dos outros. O fenômeno que centraliza a atividade de qualquer grupo institucional é a interação entre seus componentes (Zimmerman, 2000).

*...a J. já está quase três anos que mora comigo, ela olha por mim eu olho por ela, o que eu tenho ela come, o que ela tem eu como, porque a gente precisa combina... agora a J. que tá lavando minha roupinha (Margarida).*

Para os entrevistados morar no Lar é bom, no entanto muitas vezes se contradizem, expressando desejo de sair do local. O medo, porém, de não serem aceitos novamente ali, os leva a permanecer, não podendo então vivenciar a experiência de voltar a viver com seus familiares e poder perceber se esta decisão foi acertada ou não.

*Eu tenho até medo, porque a vaga aqui é uma vez só na vida, aqui você pode trinta anos que você mora aqui, você que embora pode í, mas não volte mais, é só uma vez, e às vezes assim eu penso assim, mas eu tenho medo sabe, medo de perde a vaga aqui (Margarida).*



Para os idosos residentes na instituição asilar as questões relacionadas à convivência social e o fato de terem um local para residir são apontados como razões benéficas para continuar ali morando. Por outro lado, alguns idosos entrevistados manifestam o desejo de poder, “um dia”, sair deste espaço residencial.

Verifica-se que grande parte dos idosos está residindo há muito tempo na instituição, isso faz com que os mesmos se encontrem “parados no tempo”, tristes, solitários e, constantemente, à espera de visitas dos familiares.

## **Considerações finais**

Interagir com grupos foi o enfoque estudado nesta investigação. Todo ser humano se constitui como um ser gregário que vem de um grupo que é a sua família, cresce e constrói sua própria identidade social e pessoal.

Os objetivos delineados para a construção deste trabalho foram: saber o que leva os idosos a participar de organizações grupais e as alterações ocorridas em suas vidas após sua inserção. Como são grupos com características distintas, o motivo que os levou a fazer parte de um ou de outro é diferente. Por exemplo, os idosos que participam do PIC geralmente o fazem a pedido de amigos, de conhecidos ou de profissionais de saúde. Assim, a decisão de participar do grupo acaba não sendo única e exclusiva do idoso. Já no “Lar Padre Euclides” o que determinou a inserção dos idosos neste local foi a imposição dos familiares, por opção própria ou então porque muitos deles não possuem outro lugar para morar.

Há, no entanto, diferenças marcantes entre eles: enquanto no PIC há a possibilidade de resgate de valores e potenciais adormecidos com o tempo, os idosos estão sempre em movimento, em sintonia com a vida, os residentes do “Lar Padre Euclides” possuem limitações nas atividades, ocorre morosidade e repetição das tarefas da vida diária e,

algumas vezes, parte delas é deixada de lado, é cobrado o cumprimento de regras e horários, sendo que algo muito presente no cotidiano daqueles idosos.

Ao concluir este estudo temos consciência que as informações foram percebidas com o olhar de uma pesquisadora que realiza uma de suas primeiras investigações. Além disso, esta é uma pesquisa qualitativa, cujos dados podem ser desvelados, entendidos e analisados sob vários ângulos. Constatamos, porém, que o tema é relevante e necessita ser melhor estudado. Para tanto acreditamos que novas pesquisas que envolvam esta área devam ser realizadas, buscando aprofundar o conhecimento sobre a temática.

## Bibliografia

BERQUÓ, E. *Algumas considerações demográficas sobre o envelhecimento da população no Brasil*. Seminário Internacional sobre Envelhecimento Populacional: uma agenda para o fim do século. Brasília, 1-3 de julho de 1996.

BRASIL. Secretaria Nacional dos Direitos Humanos. *Política nacional do idoso*. Brasília: Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, 1998. 81p.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.

CONSELHO ESTADUAL DO IDOSO. *Os idosos do Rio Grande do Sul: estudo multidimensional de suas condições de vida*. Porto Alegre: CEI, 1997.

KALACHE. A.; VERAS. R. P.; RAMOS, L. R. O envelhecimento da população mundial. Um desafio novo. *Revista Saúde Pública*, v. 1, n. 3, p. 200-210, 1987.

MINAYO. M. C. de S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MUNARI, Denise Bouttelet; RODRIGUES, Antonia Regina Furegato. *Enfermagem e grupos*. Goiânia: AB, 1997.

OLIVEIRA, C. Porque asilamos nossos velhos. *Rev. Bras. Enf.* Brasília, v. 38. n. 1, jan./mar. 1985.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VERAS, R. (Org.). *Terceira idade: alternativas para uma sociedade em transição*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; UnATI, 1999.

VERAS, R. P. *País jovem com cabelos brancos – a saúde do idoso no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; UERJ, 1994.

ZIMERMAN, D. E. *Fundamentos básicos das grupoterapias*. 2.ed. Porto Alegre: Artmed 2000.

ZIMERMAN, D. E.; OSÓRIO, L. (Col.). *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 424p